

Elaine Poldermans

ARCANOS EM PELE E PALAVRAS

CONTOS TERAPÊUTICOS PARA
A JORNADA INTERIOR

SÉRIE DE CONTOS TERAPÊUTICOS INSPIRADA
NOS ARCANOS DO TARÔ

Volume I



Copyright © 2026 by E. Poldermans

Edição de Áudio:

Isabel Febrônio

Ilustração capa:

Karina Beraldo

Projeto Gráfico:

Cris Spezzaferro

Revisão:

Mariana Rocha

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, armazenada ou transmitida por qualquer meio ou processo, sem autorização prévia e expressa da autora, salvo nos casos previstos em lei. A violação dos direitos autorais é punível na forma da Lei nº 9.610/1998 e do art. 184 do Código Penal.

As imagens reproduzidas nesta obra são utilizadas de acordo com sua situação jurídica específica. As obras em domínio público foram identificadas como tais. As ilustrações do Spirit Keeper's Tarot – Revelation Edition (2021) são reproduzidas com fundamento na licença Creative Commons Attribution informada por Benebell Wen, com a devida atribuição.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Poldermans, Elaine

Arcanos em pele e palavras : contos terapêuticos para a jornada interior / Elaine Poldermans. -- São Paulo : Ed. das Autoras, 2026. -- (Série de contos terapêuticos inspirada nos Arcanos do Tarô ; 1)

ISBN 978-65-01-99705-6

1. Autoconhecimento 2. Arcanos maiores (Tarô) 3. Arcanos menores (Tarô) 4. Simbolismo (Psicologia) 5. Semiótica 6. Tarô - Uso terapêutico 7. Terapia alternativa I. Título II. Série.

26-344743.0

CDD-133.3242407

Índices para catálogo sistemático:

1. Tarô : Estudo e ensino : Esoterismo 133.3242407

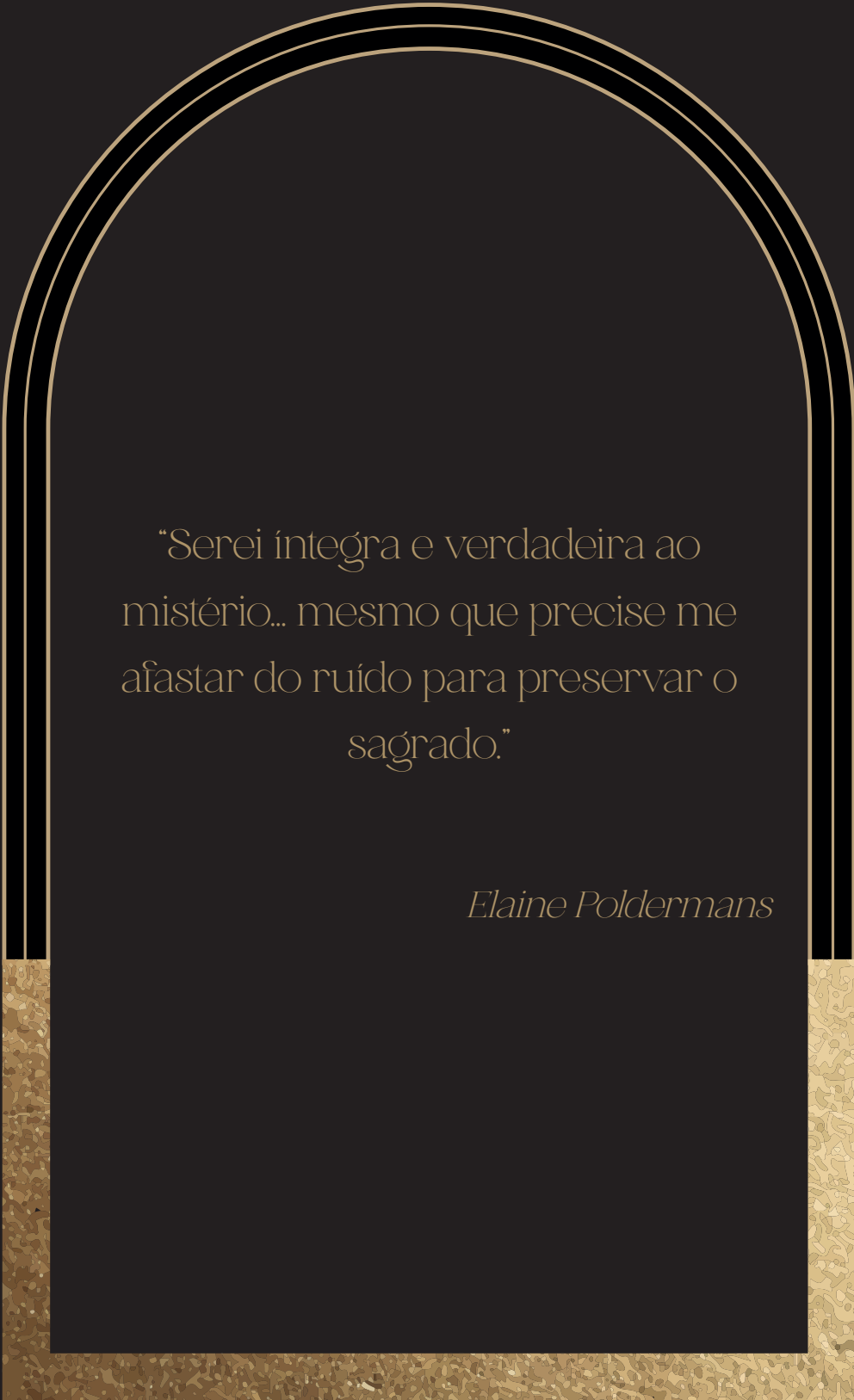
Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/0

NOTA ÉTICA

Este livro foi concebido como instrumento de travessia simbólica, escuta interior e elaboração reflexiva. Os contos, imagens, práticas e proposições aqui reunidos não têm finalidade diagnóstica, nem substituem acompanhamento psicológico, psicoterapêutico, psiquiátrico ou médico quando este se fizer necessário. Seu propósito é abrir espaço de reflexão, sensibilização e contato com conteúdos internos por meio da linguagem simbólica, narrativa e imaginal.

A leitura destas páginas pode mobilizar memórias, afetos, imagens e estados internos profundos. Por isso, recomenda-se que cada travessia seja realizada com tempo, delicadeza e respeito ao próprio ritmo. Caso algum conto, símbolo ou exercício desperte sofrimento intenso, desorganização psíquica persistente ou reativação de experiências traumáticas, interrompa a leitura e busque sustentação profissional adequada.

Este não é um livro de respostas prontas, nem de previsão determinista. É um campo de espelhos. O símbolo não obriga, não sentencia, não impõe destino: ele revela movimentos, tensões, potências e sombras que podem ser reconhecidos, elaborados e, quando possível, transformados. Tudo aqui é convite. Nada aqui pretende substituir o discernimento, a escuta clínica ou a liberdade interior do leitor.



“Serei íntegra e verdadeira ao
mistério... mesmo que precise me
afastar do ruído para preservar o
sagrado.”

Elaine Poldermans

Sumário

No limiar...da voz que escreve	8
Prefácio	10
Introdução	21
1. TARÔ COMO DISPOSITIVO DE INCONSCIENTE	35
2. A NARRATIVA ARQUETÍPICA COMO ESPAÇO DE RECONHECIMENTO PSÍQUICO	41
3. O SÍMBOLO COMO MECANISMO CENTRAL DE TRANSFORMAÇÃO PSÍQUICA	47
4. CORPO E AFETO COMO PORTA DE TRAVESSIA	53
5. ALQUIMIA COMO MAPA DA TRANSFORMAÇÃO PSÍQUICA	61
O PORTAL DOS 22 ARCANOS... O UMBRAL DO ESPELHO VIVO	80
0 - A COLINA DO VENTO	88
1 - A MESA DAS QUATRO COISAS	100
2 - O ESPELHO DA NASCENTE	112
3 - O JARDIM ENTRE MUNDOS	124
4 - A FORTALEZA DA PEDRA VAZIA	136
5 - A PORTA DOS TRÊS SILÊNCIOS	148
6 - O VALE DAS DUAS VOZES	160

7 - A ESTRADA ENTRE ESFINGES	172
8 - O CÍRCULO DA BESTA E DAS ROSAS	186
9 - A MONTANHA DO SILÊNCIO	198
10 - O CICLO DOS QUATRO VENTOS	210
11 - O ESPELHO DA VERDADE.....	222
12 - RIO DA VISÃO INVERTIDA.....	234
13 - O VALE DAS FOLHAS CAÍDAS.....	248
14 - O LAGO DOS ESPELHOS D'ÁGUA.....	262
15 - A CAVERNA DAS CORRENTES.....	276
16 - O RAIQ QUE QUEBRA O CÉU	288
17 - A TESSITURA DO CÉU	300
18 - O LAGO DAS SOMBRAS LUMINESCENTES.....	314
19 - A LINGUAGEM DO PÓLEN	330
20 - A CÂMARA ONDE O TEMPO RESPIRA	344
21 - A DANÇA DO CICLO COMPLETO.....	358
A TRAVESSIA DOS 22 ARCANOS... ENTRE O SOPRO E O SELO	373
Posfácio.....	383
Referências & Recomendações Bibliográficas	387
Lista de Imagens.....	395
Sobre a autora & a equipe de colaboradores do projeto.....	407
Outras publicações.....	409
Desenvolvimento pessoal e crescimento contínuo lhe interessam?	411

No limiar...

da voz que escreve

Arcanos em Pele e Palavras é uma criação original, com identidade estética, conceitual e terapêutica própria. Este é um trabalho de longa data, escrito e reescrito ao longo de cinco anos, em um processo profundo, orgânico e comprometido. Sua escrita aconteceu em paralelo à produção de *Alquimizando o Psiquismo: Intervenções na Dinâmica Psico-Energética do Psiquismo* e do *Therapeutick Deck: para Profissionais e Alquimistas de Si* (baralho, manual e plataforma de atendimento terapêutico online), dialogando constantemente com essas criações e sendo atravessada pelas mesmas investigações simbólicas, clínicas e alquímicas. Nada aqui foi apressado, cada conto foi lapidado no tempo exato que os símbolos, as imagens e a experiência exigiram.

A série é composta por cinco volumes. O primeiro é inteiramente dedicado aos Arcanos Maiores, e os quatro volumes seguintes percorrem os Arcanos Menores, organizados por naipe e elemento, respeitando suas naturezas simbólicas, psicológicas e arquetípicas. O que sustenta estas obras são décadas de estudos acadêmicos e esotéricos, aliados às minhas vivências profissionais e pessoais no uso real (clínico, simbólico e ritualístico) das ferramentas e técnicas aqui apresentadas. Cada narrativa nasce do encontro entre teoria, prática e vida vivida, onde o símbolo deixa de ser conceito abstrato e se torna experiência encarnada.

Todos os contos apresentados são de minha autoria e possuem cunho terapêutico contundente. Na criação de cada um deles, busquei honrar com rigor e respeito a iconografia e o simbolismo próprios de cada arcano, tendo como principais referências os tarôs: *Tarot de Marseille* (Nicolas

Conver) (1760), *Tarot Soprafino di Gumpenberg* (1835), *Tarot de Papus* - Gérard Encausse (1889), *Oswald Wirth Tarot* (1889), *Tarot Rider-Waite-Smith* (1909), e *Tarot de Thoth* (Crowley/Harris - 1944) e *Spirit Keeper's Tarot - Revelation Edition*, Benebell Wen (2023). Essas matrizes não foram copiadas, mas dialogadas, servindo como alicerces simbólicos para uma escrita viva, autoral e contemporânea.

Se este livro chegou até você, permita-se atravessá-lo sem pressa. Leia-o como quem escuta um sonho, como quem entra em um rito, como quem aceita um chamado. Escolha um arcano, habite-o, dialogue com ele e observe o que se move em você.

Este não é um livro para explicar o tarô,
é um convite para vivê-lo...
na pele...
e nas palavras.

Com gratidão e presença,

ELAINE POLDERMANS

PREFÁCIO

O Tarô é um espelho mágico que reflete as profundezas da alma humana, revelando as ricas camadas de significado que se escondem sob a superfície da nossa vida quotidiana (Sallie Nichols, 1988)¹

Ler e experienciar este livro é aceitar um convite ao desnudamento. Elaine Poldermans não nos entrega apenas contos ou significados estáticos sobre os Arcanos Maiores; ela nos oferece fragmentos de espelhos que, ao serem costurados pela narrativa, tecem a tapeçaria da nossa própria existência. A autora compreende que o símbolo, para ser integrado, precisa ser sentido e deve atravessar a barreira do intelecto, permear a epiderme e alojar-se na memória do corpo. Aqui, o tarô deixa de ser papel e transmuta-se em carne, verbo e rito.

A beleza e a profundidade desta obra emocionam, operando uma verdadeira alquimia poética. Sob a ótica da Psicologia Analítica, o livro pulsa no cerne do processo de individuação, integração entre consciente e inconsciente, onde o ser torna-se fiel à própria essência. Cada conto é uma personificação viva de arquétipos: padrões universais que, embora residam no inconsciente coletivo, só ganham fôlego quando experienciados na subjetividade da alma. Para terapeutas, esta obra é uma ferramenta preciosa de ampliação clínica; para buscadores, um guia seguro de navegação. Elaine utiliza a “Jornada do Louco/Herói” para mapear os complexos e as potências do *Self*, transformando a teoria Junguiana em uma fenomenologia narrativa vibrante.

Como psicóloga junguiana, enxergo nesta publicação um passo fundamental para desmistificar o uso psicoterapêutico do tarô. Infelizmente, o cenário acadêmico atual ainda privilegia as ciências comportamentais,

¹ NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarô: Uma Jornada Arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 1988 [1980], p. 21.

deixando a Psicologia Profunda à margem dos currículos de graduação. Esta lacuna faz com que muitos colegas e o público em geral mantenham uma visão distorcida e puramente “mística” ou determinista sobre as possibilidades clínicas desta ferramenta. Elaine, com maestria, oferece um embasamento teórico robusto em uma linguagem acessível, satisfazendo, com rigor racional, o leitor que busca a compreensão intelectual antes de se entregar à vivência simbólica.

O tarô, como dispositivo terapêutico, atua no que nomeamos como “Imaginação Ativa”, possibilitando que o sujeito projete conteúdos internos em imagens arquetípicas. Este movimento reduz as resistências egóicas, facilitando a integração psíquica e o reordenamento das narrativas pessoais. Através desta obra, o processo alquímico de transformação pode ser mais leve, estético, palatável e, acima de tudo, sólido.

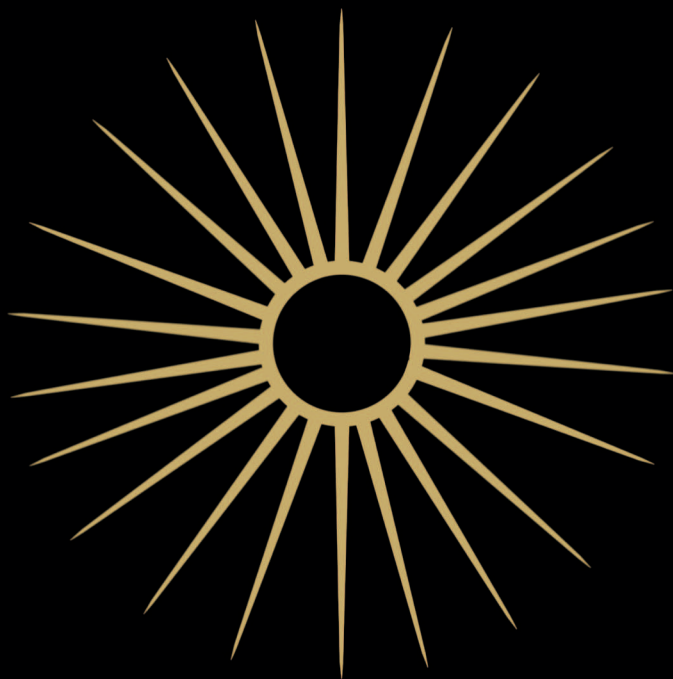
Do ponto de vista epistemológico, este trabalho se estrutura de forma multidisciplinar, unificando as terapias narrativas, expressivas e corporais. É um material de valor inestimável tanto para o leitor leigo quanto para oraculistas, psicólogos, acupunturistas e profissionais da saúde integral. A autora estabelece uma ponte entre a neurobiologia da imagem, Alquimia, Mitologia, Psicologia Analítica, Contoterapia, Aromaterapia e Medicina Chinesa, incentivando o intercâmbio de saberes e a integração indissociável entre mente, corpo, alma e espírito.

Entrar nestas páginas é, como diz a própria escritora, atravessar o umbral. Elaine nos conduz com conhecimento técnico e segurança de quem conhece as sombras do abismo, mas também a clareza da luz. *Arcanos em Pele e Palavras: Contos Terapêuticos para a Jornada Interior - Série de Contos Terapêuticos Inspirada no Tarô* é, acima de tudo, um ato de coragem: a coragem de ser íntegra ao mistério e permitir que a alma fale através de suas múltiplas peles.

Prepare-se... Permita-se, leitor. O que dormia em ti está prestes a acordar...

DANIELLA DE SANTANA DANTAS

Psicóloga e Psicoterapeuta Junguiana



O verbo que
desperta...

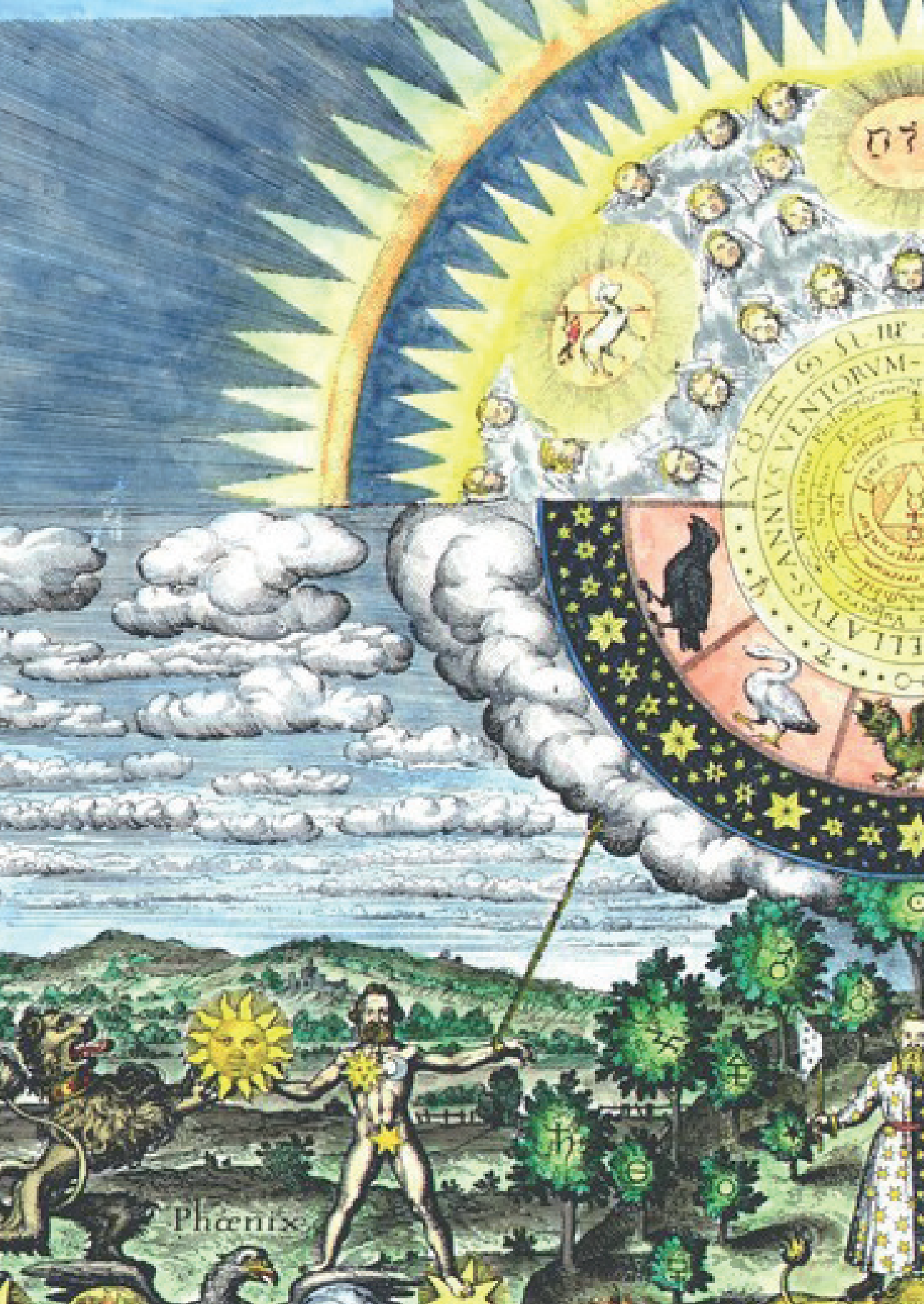


Prólogo do Espelho

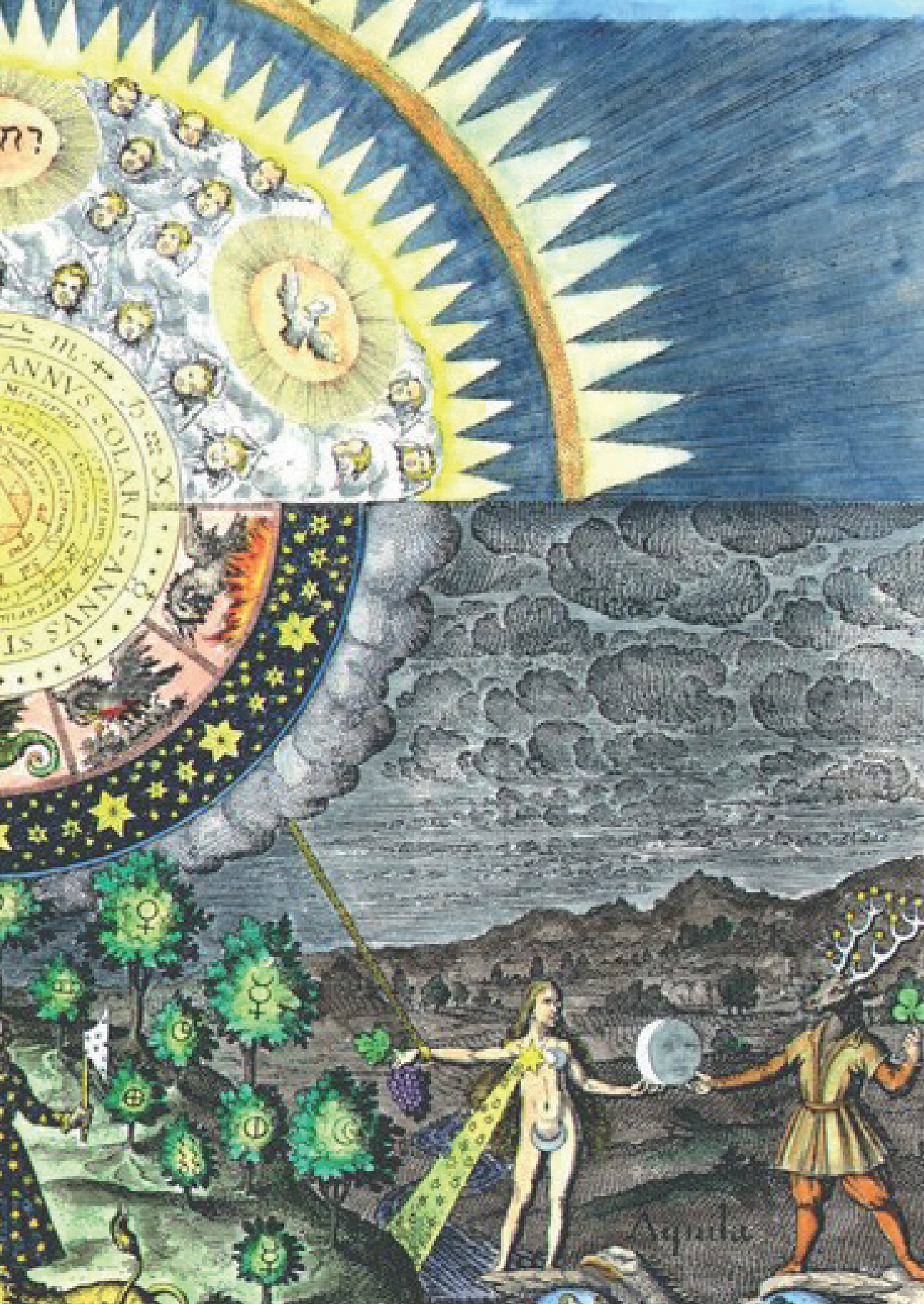


No silêncio, o espelho sonhou a palavra,
e a palavra despertou o mundo que dormia em ti.
E tu, leitor, és aquele sonho.
Aquele que agora respira entre o verbo e o reflexo.
Cada conto é uma pele que se rasga,
e de cada rasgo nasce um espelho novo.
Entra devagar.
Nada aqui é apenas história
é também memória, rito e retorno.

O umbral te aguarda



Phœnix





Prólogo

Os Quatro Movimentos

Nascemos no fogo antes de nascer no mundo: primeiro somos impulso, vertigem de início, faísca que não pede licença para existir. O que nos move no começo não é argumento, é febre. Chamamos de vocação, destino ou desejo aquilo que é só o incêndio inaugural do ser dizendo: “eu vim”.

Depois da chama, vem o ar, não como ordem natural, mas como tentativa de organizar o que arde. O ar quer nomear o indomável, estruturar o que nasceu selvagem. Ele pensa o que o fogo sente. Mas toda razão chega tarde: antes que o ar conclua, a água já nos tomou.

Porque o que o ar tenta entender, a água já sentiu. A emoção invade antes do pensamento, o vínculo chega antes da análise, o afeto precede o conceito. Amamos antes de sabermos por que, sofremos antes de formular sentido. Toda alma quer espelho, mas todo espelho fere, e é na água que descobrimos que existir nunca é um ato solitário.

E então, só depois de queimar, pensar e sentir, chegamos à terra. O ciclo só se cumpre quando aquilo que ardemos, pensamos e sofremos se torna forma, quando o invisível ganha peso. O mundo não julga intenção; julga obra. Paixões que não viram corpo evaporam. Ideias que não se encarnam não existem.

**Se era verdade virou mundo
Se não virou ainda não era**



INTRODUÇÃO

Há livros que se leem com os olhos.

Há livros que se leem com a pele, onde a palavra toca o corpo antes de tocar o pensamento.

Este é um desses livros.

O tarô², para muitos, é um oráculo.

Para outros, um jogo antigo.

Do ponto de vista histórico e simbólico, o tarô nunca foi um sistema isolado, nem uma invenção mística desconectada do humano, seus símbolos emergem do mesmo caldo imaginal que deu origem aos mitos, às narrativas sagradas e às imagens arquetípicas que atravessam culturas e épocas.

Ao final desta obra, na seção lista de imagens, estão reunidas diferentes representações históricas dos Arcanos. Ao longo do livro, nas páginas de transição entre os contos, também será possível contemplar imagens provenientes de sete decks de tarot, criados entre 1760 e 2023, que testemunham a evolução visual e simbólica dessas cartas ao longo do tempo. A observação atenta dessas imagens revela como a nomenclatura, numeração e os títulos dos Arcanos se transformam, refletindo mudanças culturais, sociais e políticas próprias de cada época. O tarot, enquanto linguagem simbólica viva, dialoga continuamente com o *Zeitgeist*, o espírito do tempo/época, que atravessa as sociedades. Cada ge-

² As palavras tarô e tarot têm a mesma origem, mas a diferença entre elas está mais na grafia e, em menor grau, na adaptação linguística a diferentes idiomas. Etimologicamente, ambas palavras são oriundas do italiano *tarocchi*, geralmente associado a um jogo de cartas que tem origem na Itália, provavelmente no século XV. O jogo de cartas de tarô, ou tarot, com suas imagens simbólicas, mais tarde passou a ser usado para leitura esotérica, dando origem à prática de adivinhação. Há também teorias de que a palavra *tarocchi* poderia derivar do árabe *ṭarāb*, que significa “divertir-se”, ou do termo medieval francês *tarau*, que pode se referir a cartas de jogo. Sumariamente, a grafia usada no português (Brasil) é tarô, em outros idiomas, como o francês, espanhol e inglês utiliza-se a forma tarot, mantendo a forma mais aproximada da grafia original, italiana, *tarocchi*.

ração interpreta, renomeia e recria seus símbolos à luz de suas próprias questões existenciais. Assim, as variações iconográficas e terminológicas dos Arcanos não devem ser compreendidas apenas como diferenças estéticas, mas como expressão do encontro entre tradição simbólica e consciência histórica.

O tarô organiza, em linguagem visual, temas universais da experiência humana (nascimento, escolha, queda, perda, transformação e integração) funcionando como um compêndio simbólico da psique em movimento, muito antes de qualquer uso oracular.

Para mim, ele é uma língua, uma forma de dizer o indizível, de traduzir o que não cabe em raciocínio linear, mas insiste em viver dentro de nós como imagem, sonho, impulso, perda, ou epifania.

Um arcano não é uma carta: é um espelho em movimento.

Ele não prevê futuros, ele revela presenças.

Mostra o que está atuando agora, mesmo que ainda não tenha nome.

Mostra o que tenta nascer e o que, silenciosamente, pede morte.

Mostra onde a alma está e onde ela se nega a ir.

Por isso, este livro não foi escrito para ensinar tarô, mas para vivê-lo em palavras.

Há muitos modos de narrar uma jornada... pode-se usar mapas, calendários, estrelas. Aqui, escolhi os arcanos do tarô, não como cartas que predizem o futuro, mas como portais para mergulhar no agora. O tarô aqui é trabalhado como um mapa simbólico da jornada da consciência, que se move do inconsciente em direção à realização do Si-Mesmo. A primazia não está na leitura preditiva ou esotérica, mas na leitura psicológica: o tarô não é utilizado para antecipar acontecimentos, mas para revelar posições internas da alma diante da própria experiência.

Nesse sentido, o tarô opera como instrumento de reprogramação simbólica e leitura psíquica. Cada arcano atua como símbolo-arquétipo, uma ponte viva entre consciente e inconsciente, capaz de tornar visível aquilo que ainda não encontrou forma na consciência. É justamente essa função mediadora do símbolo (tão central na psicologia analítica) que faz do tarô um dispositivo legítimo de trabalho terapêutico, pois toda cura psíquica começa quando o inconsciente encontra imagem, e a imagem

encontra possibilidade de elaboração. Aqui, cada arcano tornou-se um conto, porque o símbolo, quando entra na carne de uma história, deixa de ser conceito e volta a ser experiência. Os personagens que você encontrará aqui não sabem que são o Louco, o Mago, a Imperatriz ou a Torre.

Cada arcano vive seus dilemas como nós vivemos os nossos: por medo, por desejo, por ignorância, por amor, por cansaço ou por chamado. Mas seus conflitos, assim como os nossos, têm raízes mais profundas do que a superfície humana costuma admitir.

Não escrevi estes contos para falar sobre os arcanos, mas para deixar que eles falassem através de pessoas comuns, porque o mito nunca esteve distante... ele apenas disfarça suas asas sob nossas roupas cotidianas.

Pórtico da Série... O Limiar do Leitor

Os trechos abaixo reaparecem em todos os volumes desta coleção como chave de entrada para a travessia simbólica. Podendo ser relido a cada livro, como quem retorna ao mesmo umbral e descobre que já não é o mesmo ao atravessá-lo.

Como este livro pode ser lido

Você pode caminhar por estas histórias de três maneiras:

1. Como quem lê literatura — deixando que a narrativa te leve, sem buscar sentido imediato.

2. Como quem busca espelho interno — abrindo uma história ao acaso e perguntando: “o que isso toca em mim?”

3. Como quem percorre uma jornada iniciática — lendo do Louco ao Mundo, acompanhando o desenvolvimento simbólico da alma.

Nenhuma forma é melhor.

Toda leitura é uma travessia.

Os quatro níveis de leitura do símbolo & o tarô como jornada interior

Cada arcano fala em camadas e podemos ouvi-los:

- **Pelo que acontece na imagem** — o gesto, o cenário, a ação.
- **Pelo que se move dentro de nós ao vê-lo** — medo, desejo, memória, eco.
- **Pelo que ele representa na história humana** — mito, cultura, tradição.
- **Pelo que ele desperta na alma** — mistério, silêncio, transformação.

Chamam isso de quatro níveis de leitura, eu prefiro chamá-los de quatro portas. Não é preciso abrir todas, mas sempre existe uma que já estava entreaberta, esperando você passar. Mas lembre-se, **toda emoção é primeiro corpo, como as antigas medicina já sabiam, e só depois se torna palavra.**

Independentemente das portas que serão abertas, há algo que sustenta toda travessia: o modo como nos colocamos diante da experiência.

Quando decidir ler e/ou ouvir um conto, escolha um lugar onde o corpo possa repousar em segurança, um espaço silencioso, livre de interrupções. Para aprofundar a escuta interna, permita-se sentar ou deitar confortavelmente ler e/ou ouvir o áudio de olhos fechados, deixando que as imagens se formem com riqueza e liberdade na tela interna da imaginação, em sua tela mental.

Quando sentir que a experiência encontrou chão dentro de você, reserve um momento para escrever. Dedique um caderno a esse exercício de escuta e elaboração. Registre os *insights*, pensamentos, ideias e conclusões que emergirem, mas também, e sobretudo, os pontos onde a história lhe tocou, o que ela despertou, o que permaneceu vibrando. Em outras palavras, escreva sobre o que o conto lhe contou. Há contos que falam daquilo que ainda não sabemos dizer e escrever é uma forma de permitir que eles continuem falando, agora, através de você.

Os vinte e dois arcanos maiores são mais do que símbolos: são estágios da alma em movimento. O Louco inaugura o caminho e o Mundo o

conclui, mas não o encerra. Entre um e outro, atravessamos encontros, quedas, escolhas, perdas, revelações, mortes necessárias e renascimentos possíveis.

Ler os arcanos é reconhecer que algo em nós vive em espiral: voltamos ao mesmo ponto, mas, jamais somos os mesmos ao retornar. Por isso, este livro não oferece respostas, mas devolve perguntas.

E toda pergunta verdadeira é um portal.

Sobre a leitura simbólica e a iconografia de transição

As imagens que aparecem entre os contos, capítulos e passagens desta obra não foram inseridas como ornamento nem como simples apoio visual. Elas cumprem função de respiração simbólica, ponte imaginal e continuidade de atmosfera entre um limiar e outro da leitura. São pausas visuais que não interrompem a travessia: aprofundam-na.

Em muitos casos, a imagem de transição age como o sonho entre dois estados de consciência. Ela não explica o texto anterior nem antecipa plenamente o seguinte. Sua função é sustentar o intervalo, permitindo que a experiência não se reduza à compreensão linear, mas permaneça aberta à ressonância, à memória, ao afeto e à contemplação.

Ao longo da coleção, essas imagens constituem uma iconografia paralela da jornada: uma segunda narrativa, silenciosa, feita de formas, vestígios, símbolos e atmosferas. Recomenda-se ao leitor que não as atravesse com pressa. Às vezes, o que um conto ainda não disse com palavras, a imagem já começou a dizer em outro idioma.

A Série como Jornada de Cinco Caminhos

Este é apenas o primeiro livro que corresponde ao início da travessia: aos grandes arcanos, aos encontros que mudam o eixo da alma, aos movimentos que ninguém atravessa ileso. Mas a jornada não termina aqui, depois que o mito chama, a vida responde. E é aí que entram os outros quatro caminhos, os arcanos menores, não como continuação cronológica, mas como desdobramento existencial.

Há um livro que fala da Terra, o próximo volume: do corpo, do trabalho, dos limites, da matéria que pesa, mas, sustenta.

Há um livro que fala da Água, o terceiro volume: das emoções que curam, mas também afogam.

Há um livro que fala do Ar, o quarto volume: dos pensamentos que libertam, mas também aprisionam.

Há um livro que fala do Fogo, o quinto e último volume: da vontade que cria, mas também consome.

Cinco livros.

Cinco modos de existir.

Cinco etapas da mesma alma tentando se lembrar do que sempre foi, antes de se tornar quem é.

Os quais em tempo distintos irão emergir.

O Processo Alquímico: quando a alma aprende sua própria linguagem

Toda jornada verdadeira passa por quatro estações internas, mesmo que o mundo exterior não perceba. Imagine uma noite tão profunda que o corpo esquece o caminho do ar... esse é o território da **Nigredo**: quando o mundo interno perde forma e só resta o impulso de continuar respirando... a psique desce...o Qi afunda. O velho começa a morrer, mesmo que nada novo ainda tenha aparecido. É ali, quando tudo escurece e a alma perde chão, o que chamamos de colapso, a alquimia chama de começo... mas é justamente ali que o ouro começa a respirar.

Agora, imagine uma claridade que não chega de repente, mas se insinua. A luz não vence a noite, apenas separa o que antes era indistinto. Esse é o território da **Albedo**: quando o mundo interno começa a ganhar contorno, sem ainda ter forma. Quando algo dentro respira outra vez, não é vitória, é claridade, é quando percebemos que a dor não era castigo, mas parto.

Imagine um amarelo que amadurece de dentro para fora, como se o próprio corpo começasse a lembrar o caminho da manhã. Este é o campo

da **Citrinitas**³, não é brilho, é direção, é quando a luz amadurece por dentro, não é euforia, é direção, é o instante em que o sentido recém-nascido começa a se firmar como horizonte.

Por fim, imagine um calor que não queima, mas reúne. A luz deixa de ser clarão e torna-se centro, esse é o chão da **Rubedo**: quando o fogo encontra forma e a consciência, finalmente, encarna, quando o que se fragmentou encontra unidade, quando o ouro não é metal, mas consciência.

Estes enunciados não estão no livro como capítulos, mas como pulsos. Alguns contos são noites... outros, amanhecer... outros, sol em seu ápice... e há aqueles que são alvoradas douradas, quando a luz ainda é tímida, mas já sabe para onde quer ir.

Não leia procurando onde está o nigredo, o albedo, a citrinitas ou a rubedo, elas não estão nas páginas, elas estão em você.

Toda transformação é vertical.

Algo desce... sombra, memória, dor.

Algo sobe... compreensão, sentido, retorno.

Chamaram esse movimento de *axis mundi*, o eixo do mundo. É ele que sustenta o ser quando o chão desmorona e permite que a queda não seja fim, mas passagem. O tarô, neste livro, funciona como esse eixo: não explica o mistério... o atravessa.

Não oferece teoria, oferece espelho.

Não diz “é assim”, pergunta: “e você?”.

Cada arcano é uma escada.

Cada história, um degrau.

E você leitor, um possível alquimista da própria dor.

Este livro não pede crença... pede presença.

Não pede que você concorde... pede que você **escute**.

O que se move em você quando um símbolo te olha de volta?

O que ainda não foi dito, mas vibra na borda do corpo?

3 Alguns tratados omitem a citrinitas, Jung a retomou por reconhecer seu valor psicológico.

Que história espera para ser narrada, não ao mundo, mas à tua própria alma?

Se algo já começou a respirar no intervalo entre uma frase e outra, então a travessia já começou. E agora, como toda porta exige escolha, a pergunta final é simples e irrecusável:

você está pronto para atravessar o umbral?

Então vire a página.

A jornada já te reconheceu.

Diálogo Secreto dos Arcanos

Antes de atravessar as histórias, há algo que precisa ser dito... é um aviso ou talvez um convite. Este livro foi construído como um espelho em movimento, não apenas nas narrativas, mas na própria arquitetura da leitura.

Por isso, na abertura de cada arcano, você encontrará uma única palavra ou pequena expressão, isolada nos cantos superior e inferior na página de transição, como se fosse uma batida inicial que antecede a música. Ela é fragmento de um diálogo oculto que anuncia uma entrada e esperam que você a escute.

Não se trata de um enigma para a mente, mas uma travessia para a consciência. Lidas isoladamente, são faíscas... lidas na ordem, tornam-se um diálogo silencioso entre o símbolo e quem o lê. Não é uma leitura “normal”: é uma espiral.

As palavras não foram escolhidas ao acaso, elas formam, quando lidas na ordem numérica dos Arcanos (do 0 ao XXI), um diálogo completo. Não direi aqui o que revelam... esse mistério pertence ao ritmo da tua leitura, não ao meu anúncio. Mas o que posso antecipar é que **há uma pergunta escondida no percurso do Louco ao Mundo e uma resposta escondida no retorno do Mundo ao Louco.**

Do Louco ao Mundo, o pensamento se expande como quem busca sentido fora de si. Do Mundo de volta ao Louco, ela se contrai como quem descobre que o sentido estava sempre dentro.

Nada mais que isso será explicado dentro do texto, não há índice, legenda ou resposta pronta. O leitor que desejar descobrir o que os arcanos estão dizendo um ao outro, deverá montar o mosaico por si mesmo. Você pode lê-lo de uma vez, agora, como quem contempla um enigma ou pode deixar que ele se revele pouco a pouco, no ritmo da sua travessia.

Mas aqui está o segredo silencioso:

A primeira metade da frase revela a jornada do ego em direção ao Mistério.

A segunda metade revela a jornada do Mistério em direção ao ego.

E você, leitor, é o ponto onde as duas jornadas se encontram.

E a descoberta só acontece quando o seu tempo interno diz “agora”.

Este livro não é apenas para ser lido, ele é para ser decifrado em camadas.

A palavra é o convite.

O conto é a travessia.

O corpo é a ponte.

A consciência é o lugar onde tudo se junta e retorna com o ouro.

Quem lê apenas os contos encontra uma história.

Quem lê também as palavras encontra um mapa.

A escolha, como sempre, é o primeiro rito.

Se quiser apenas ler, siga adiante.

Se quiser decifrar, comece a prestar atenção desde já.

Porque este livro não esconde segredos... mas os revela apenas a quem os procura.

O Conto é a Porta... O Rito é a Travessia

Após cada conto, um segundo movimento se abre. O texto termina, mas o arcano não. No final da narrativa, você encontrará um **QR code** que conduz ao **áudio do próprio conto**, em voz e atmosfera, para que a imagem simbólica possa ser vivida pela escuta, não apenas pela leitura. A

voz, o ritmo e o silêncio entre as frases criam outra forma de atravessar a história: menos mental, mais sensorial.

Depois do conto, que já começa a mover algo por dentro, o arcano se abre em outra camada. O símbolo que lhe tocou pela narrativa ganha contornos mais nítidos: suas imagens, tensões, luzes e sombras se deixam ver como quem acende uma lanterna suave sobre o que já estava sendo vivido. Não se trata de explicar, mas de oferecer linguagem ao que a alma reconheceu primeiro.

Em seguida, nos aprofundamos no que já começou no corpo, as emoções que a narrativa despertou encontram caminhos para se organizar, as sensações ganham nome, direção e sentido. É um movimento de tornar consciente aquilo que já havia sido sentido, não um novo impacto, mas um desdobramento do que o conto iniciou. O arcano deixa de ser apenas vivido e começa também a ser compreendido pelo organismo, como se a história encontrasse agora o seu eco natural dentro de você.

Por fim, chega o momento da integração, o que foi visto e sentido ganha gesto, presença e cuidado. Pequenas práticas, ancestrais, simples, acessíveis e profundas, são oferecidas para metabolizar e ancorar o arcano no cotidiano e permitir que a travessia continue fora das páginas, no ritmo silencioso da própria vida.

Nada aqui será imposto.

Tudo é convite.

O livro oferece portais, mas é você quem escolhe se deseja atravessá-los.

A palavra abre a porta.

O corpo atravessa.

A consciência recolhe o ouro.

A leitura pode terminar na história, ou pode transformar-se em experiência.

É você quem decide se realiza a travessia apenas pelas palavras ou também pelo corpo e pela vibração. A jornada simbólica continua fora das páginas, mas só caminha se você caminhar.

Bifurcação do Caminho

A partir deste ponto, o livro se divide, não em capítulos, mas em **escolhas**.

Há quem precise compreender antes de sentir.

Há quem precise sentir antes de compreender.

Ambos os caminhos são legítimos, porque toda jornada começa onde a consciência ainda está. Por isso, aqui se abrem duas portas:

Porta da Mente Simbólica, onde você encontrará um breve aprofundamento teórico sobre os alicerces que sustentam esta obra:

- o tarô como linguagem viva da psique,
- o conto terapêutico como espelho e disparador de consciência,
- o símbolo como mola propulsora do processo psíquico,
- o corpo e os afetos como ponte para a experiência, e
- a estrutura alquímica da jornada interior.

Este trecho é para quem deseja compreender o mapa antes de caminhar, é para quem deseja iluminar o mapa antes de pisar na estrada.

Porta da Experiência Direta, para quem prefere atravessar pelo corpo, pela imagem, pelo mito em movimento.

Aqui a travessia começa imediatamente com a travessia do portal dos vinte e dois arcanos em direção ao Louco, o primeiro arcano, o primeiro conto, o primeiro passo no abismo criador, o passo inaugural no mistério, antes da teoria, antes da interpretação.

Este caminho é para quem prefere entrar pela pele antes de entrar pelo pensamento. Este caminho é para quem sabe que, às vezes, a alma entende antes da mente.

Nenhum é certo, nenhum é melhor. A escolha é o primeiro ato iniciático, e ela já diz algo sobre quem lê.

Se quiser teoria antes da jornada, siga em frente.

Se quiser atravessar agora, siga para o portal dos vinte e dois arcanos, na página 76.

O livro não exige um modo de leitura, ele respeita a tua ordem interna.

Ele apenas te oferece o portal.

A verdadeira leitura começa quando você escolhe.

A travessia começa quando você decide.



1

TARÔ COMO DISPOSITIVO DE INCONSCIENTE

“O símbolo é a melhor expressão possível de algo ainda desconhecido da consciência.” Jung, 2014

Há quem ainda acredite que o tarô responde a perguntas, mas, quando olhado de frente, sem folclore e sem superstição, ele não responde, mas revela. Não aponta o futuro: aponta o que já opera subterraneamente na alma.

O tarô, quando retirado do campo da adivinhação e reposicionado no campo psicológico, torna-se um **dispositivo de projeção**, um **espelho estruturado do inconsciente**. Ele não funciona pela lógica da previsão, mas pela lógica da ressonância simbólica: a imagem atrai para fora aquilo que já pulsa dentro. A carta não ensina, ela precipita o que ainda não encontrou palavra.

Jung nos lembra que o inconsciente não fala em conceitos, mas em imagens. Sonhos, mitos, símbolos, lapsos, fantasias espontâneas, todos são linguagens de figuração psíquica. A psique não argumenta: ela imagina. E é exatamente por isso que o tarô funciona, pois **fala na língua do inconsciente**, enquanto a mente racional ainda tenta traduzir.

O tarô está além da adivinhação: espelho psíquico, não previsão. O equívoco mais recorrente é pensar que o tarô “traz respostas”. O que ele traz é revelação de posição psíquica.

O oráculo pergunta: “o que vai acontecer?”

O símbolo pergunta: “quem você está sendo?”

Esta distinção é crucial e é aqui que o tarô se torna ferramenta terapêutica legítima, pois não dirige a conduta, não dá instruções, não toma decisões no lugar do sujeito. Ele desfaz ilusões, desmonta narrativas de-

fensivas e mostra, em imagem, uma verdade que o ego preferiria manter invisível. Nada se transforma enquanto permanece sem forma. Por isso, o primeiro ato terapêutico é dar rosto ao que age na sombra. O que chamamos de sombra não é aquilo que o sujeito “tem”, mas aquilo que o governa enquanto não é visto. Zweig & Abrams (1991) descrevem a sombra como o conjunto de conteúdos psíquicos que foram excluídos da identidade consciente, não por serem maus, mas por não terem sido acolhidos no processo de adaptação à vida. Enquanto permanece inconsciente, a sombra atua por compulsão, projeção e repetição. Quando ganha imagem, deixa de governar nos bastidores e passa a integrar o campo da escolha.

O trabalho simbólico não elimina a sombra, ele recupera a energia psíquica que estava aprisionada nela. Kast (1997) descreve o símbolo como a forma que surge quando a psique precisa elaborar algo que ainda não pode ser dito diretamente, funcionando como mediador entre o inconsciente e a consciência sem exigir confronto direto.

O inconsciente se move por imagens antes de se mover por ideias. Quando uma carta é observada, o sujeito não interpreta a lâmina, mas interpreta a si mesmo através da lâmina. Hillman (1979) chamaria isso de *imaginação objetiva*, o processo em que a psique se projeta para fora e se reconhece sem precisar confessar.

Jung descreve o mesmo fenômeno quando afirma que toda interpretação simbólica é, na verdade, uma **elaboração da própria alma diante de si mesma**. Neumann (1990) endossa, salientando que o arquétipo não é conceito, mas força viva e que ele atua antes de ser compreendido.

O tarô não extrai verdades pela força, mas oferece um campo onde a psique pode se ver sem sentir-se ameaçada. Na psicologia junguiana contemporânea, Kast (1997) enfatiza que o símbolo cria um espaço intermediário onde conteúdos inconscientes podem ser experimentados sem que o ego se sinta atacado, tornando possível o contato sem retraumatização. A imagem funciona como superfície de projeção: o sujeito fala da carta, mas revela a si mesmo. Por isso, conteúdos que seriam recusados na fala direta surgem com naturalidade quando mediados por um símbolo. Ler uma carta é, inevitavelmente, ler a própria alma em movimento.

É essa sutileza que faz das imagens uma verdadeira tecnologia psíquica, pois permitem que o inconsciente se expresse de modo seguro,

indireto e profundo, abrindo passagem para aquilo que, de outra forma, permaneceria oculto ou rigidamente defendido.

Quando a imagem de um arcano é colocada diante do sujeito, três movimentos acontecem. Primeiro a **imagem evoca um afeto**, e o inconsciente responde antes do raciocínio. Na sequência a **mente tenta narrar o que vê** e, ao narrar, fala de si. E por fim, o **conteúdo, antes difuso, se torna figura**, e aquilo que era sombra vira material de trabalho.

É aqui que a defesa do ego perde força. O que o sujeito não consegue dizer sobre si (“tenho medo de falhar”, “não sei escolher”, “sou refém do controle”) mas expressa com naturalidade ao descrever a imagem:

“esse personagem parece estar preso... parece não saber qual direção tomar.”

“essa figura tenta segurar tudo ao mesmo tempo...”

A fala se torna confissão sem intenção de confessar, e o terapeuta, ou o próprio leitor consciente, não precisa “acusar” nada, basta escutar. O símbolo desloca o eixo da fala: não é “eu sou assim”, mas “essa imagem é assim”.

E é nesse deslocamento que o conteúdo emerge com segurança psíquica. Antes de virar pensamento, toda emoção já alterou respiração e ritmo, é o corpo quem vê primeiro. E esse material é ouro... ouro psíquico a ser trabalhado.

Neste momento você pode estar se perguntando: “mas por que o trabalho com imagens, em especial o tarô, é tão eficaz na clínica simbólica?”

E a resposta é elementar. É porque a imagem *bypass* o mecanismo racional e entra pela porta do afeto. No campo clínico, há conteúdos que jamais emergem sob pergunta direta por vergonha, medo, idealizações, impulsos e/ou ambivalências, mas via imagem vem à tona, porque a **imagem não exige exposição, apenas ressonância**.

Por isso o trabalho com imagens em geral, baralhos associativos e metafóricos e tarô não são acessórios, eles são **ferramentas de acesso ao inconsciente**. As imagens, por sua vez, não trazem respostas externas, mas convocam respostas internas. Portanto, a transformação começa com visão. E o tarô, bem como outros dispositivos terapêuticos imagéticos, é um ato de visão.

Enquanto algo permanece sem imagem, ele atua como destino: repete-se, insiste, governa. Quando ganha figura, entra no campo da escolha. O que é visto torna-se possível de ser movido. Esse é o ponto de virada que Jung resume magistralmente ao afirmar que enquanto o inconsciente não se tornar consciente, ele continuará dirigindo sua vida e você chamará isso de destino.

Trabalhar com imagens para fins terapêuticos, é operar exatamente no limiar: da sombra para a forma, da compulsão para a consciência e do automático para o deliberado. As imagens, em especial o tarô, não apontam caminhos, elas devolvem o sujeito a si mesmo. Por isso, em termos terapêuticos, o tarô, não é superstição, é clínica da imagem.

Logo, o tarô e outros recursos imagéticos, quando lidos como linguagem simbólica e não como oráculos, tornam-se um **dispositivo de emergência do inconsciente**, capaz de: revelar conflitos antes invisíveis, romper o pacto de autoengano sem violência, gerar consciência antes da intervenção terapêutica e inaugurar o processo alquímico de transformação psíquica.

Eles não são o último passo: são o primeiro portal. A análise, os florais, a aromaterapia, a narrativa, a alquimia, tudo que virá depois, só pode operar porque algo primeiro foi visto. Entre a pergunta “o que devo fazer?” e a pergunta “quem estou sendo?”, o tarô sempre escolhe a segunda. E é exatamente isso que o torna ferramenta de cura, não porque responde, mas porque desvela.



2

A NARRATIVA ARQUETÍPICA COMO ESPAÇO DE RECONHECIMENTO PSÍQUICO

“Nos mitos e nos contos de fadas, como no sonho, a alma fala de si mesma.” Jung, 2008

Nada alcança o humano com tanta precisão quanto aquilo que o nomeia sem o expor. Uma explicação pode ser recusada; uma história não. Porque a história não nos diz “você é assim”, ela mostra alguém que é assim, e então, de repente, algo em nós estremece. Este estremeçamento é o ponto de reconhecimento psíquico: a verdade percebida antes de ser admitida. A história toca antes que a mente compreenda, a história move o que ainda não encontrou expressão, primeiro no corpo, depois na consciência.

Jung (2018) afirmava que o inconsciente não argumenta, ele dramatiza. A psique pensa em imagens, e imagens só ganham movimento quando se convertem em enredo. Edinger (1985) salienta que a alquimia oferece imagens objetivas para interpretar sonhos e material inconsciente, e destaca que imagens alquímicas, algumas das quais são apresentadas entre os contos, funcionam como um conjunto de categorias arquetípicas, essenciais quando o analista abandona teorias rígidas.

Por isso, quando uma experiência psíquica é transposta para narrativa, ela se torna visível sem ainda ser ameaçadora, pois a alma vê antes que o ego reaja, esse é o poder clínico da narrativa arquetípica, uma vez que desloca para revelar, aproxima-se sem invadir. A explicação trabalha com defesa, o mito trabalha com entrega. Para Kast (1997) o valor terapêutico da narrativa simbólica não está em explicar o sofrimento, mas em permitir que ele seja vivido de outro modo, abrindo espaço para reorganizações internas que não seriam possíveis pela via racional.

Na clínica, não é raro que alguém diga: “eu sei o que está acontecendo comigo, mas não consigo mudar.” Este é o ponto cego da consciência: ela pode compreender racionalmente um padrão, mas não romper sua compulsão interna enquanto não se reconhecer, afetivamente, dentro desse padrão.

E é justamente aí que a narrativa opera como via de acesso. A história funciona como um espelho que não está diante do rosto, mas ao lado, que não exige resposta, apenas reconhecimento. Kast descreve esse fenômeno como “... a identificação simbólica que permite à psique experimentar a si mesma em outro corpo, sem se sentir ameaçada pelo real” (1994, p. 32).

Assim, quando o sujeito lê um conto onde uma personagem foge da própria verdade, negocia o que não deveria, ou escolhe sempre o mesmo tipo de amor que a destrói, ele não é acusado, ele é refletido. Ou seja, a função psíquica da narrativa é se deixar reconhecer sem se sentir atacado. A narrativa suspende a autodefesa para permitir o autoenxergamento. Kast (1997) descreve esse processo como uma identificação simbólica, na qual a psique pode experimentar a si mesma em outra figura, preservando uma distância suficiente para que o reconhecimento não se transforme em ameaça ao ego. É o que Hillman (1979) chama de *distância imaginal*, o espaço onde o eu pode olhar para si sem colapsar no que vê.

As histórias curam porque revelam aquilo que o eu tenta esconder de si mesmo. Todo sofrimento que chega ao consultório já vem narrado em pequenas mitologias pessoais, “eu sempre estrago tudo no final”, “tenho medo de ser abandonada”, “me encolher para caber nas relações”. Estas frases, são versões íntimas de dramas ancestrais, ecos de roteiros que se repetem sem que o sujeito perceba. São histórias que a alma conta sobre si para explicar o que ainda não sabe transformar.

O conto arquetípico atua justamente aí: ele não corrige a narrativa, ele a devolve a leitura ampliada, simbólica, livre das defesas habituais. Ao reconhecer sua própria história na história de outro, o sujeito realiza seu primeiro gesto de liberdade psicológica, ver-se sem se julgar, nomear sem colapsar, aproximar-se de si com a distância necessária para, enfim, transformar. Quando essas narrativas individuais encontram equivalentes simbólicos maiores, algo acontece: a pessoa descobre que não está doente, mas está atravessada por um arquétipo. A psicologia analítica compreende os arquétipos não como categorias patológicas, mas como padrões universais de experiência psíquica. A correlação entre os arquétipos descritos por